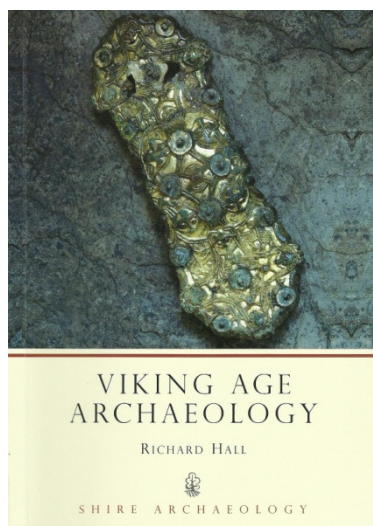


HALL, Richard. *Viking Age Archaeology in Britain and Ireland*. Oxford: Shire Publications, 2010. ISBN: 0-7478-0063-4.

Johnni Langer<sup>1</sup>

Uma das áreas menos pesquisadas sobre o medievo, em nosso país, são os estudos envolvendo a cultura material e a Arqueologia. De um lado, isso se deve à pouca experiência dos medievalistas com o tema, geralmente advindos das áreas de História, Letras e Filosofia. De outro lado, as publicações e traduções na língua portuguesa sobre a Idade Média tratam quase que exclusivamente de aspectos históricos, sociais e institucionais. O acesso direto às fontes é muito difícil, praticamente não restando ao pesquisador brasileiro, alternativas que não o estudo de temas tradicionais.



A recente publicação do manual *Viking Age Archaeology in Britain and Ireland*, é um excelente recurso para um primeiro contato com a cultura material dos escandinavos da Alta Idade Média, e em certa medida, com os métodos da Arqueologia medieval. Escrito por Richard Hall, responsável pelas escavações do mais importante sítio arqueológico nórdico da Inglaterra, York, e autor de vários livros sobre o tema, além de diretor do Jorvik Viking Centre.

A obra pode ser dividida em quatro seções: uma introdução ao estudo da sociedade nórdica; as primeiras investidas; os assentamentos e a criação de cidades; arte e cultura

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em História Medieval pela USP, professor na UFMA. Coordenador do NEVE, *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* (<http://groups.google.com.br/group/scandia>) e membro do *Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos* ([www.brathair.com](http://www.brathair.com)). E-mail: [johnnilanger@yahoo.com.br](mailto:johnnilanger@yahoo.com.br)

material. O texto é bem escrito, redigido em um inglês fluente e com um estilo narrativo de popularização típico dos manuais, mas sem perder o rigor acadêmico.

O interesse pelo passado escandinavo remonta à época dos antiquários, num momento onde a Arqueologia ainda não era sistematizada e com métodos modernos, onde o colecionismo imperava e a estética artística definia os padrões de análise. Desde o século XVI, acadêmicos britânicos já revelavam um grande interesse pelo tema, sendo as moedas o primeiro tipo de objeto que foi corretamente identificado e datado. Também crônicas históricas auxiliaram nos estudos de datação e tipologia. Mas foram com as descobertas de esqueletos durante o século XIX que tiveram início as primeiras identificações realmente corretas dos vestígios de vikings. E a partir dos anos 1960, com o encontro de assentamentos rurais, tiveram início as pesquisas modernas sobre arqueologia viking no mundo britânico. Os tipos de sítios arqueológicos remanescentes dos escandinavos nas ilhas britânicas são muito variados. Consistem principalmente de estruturas urbanas, assentamentos rurais, tesouros em prata, rochas gravadas e sepulturas.<sup>2</sup>

Na seção *The first raids*, Hall investiga as primeiras investidas dos nórdicos na Inglaterra, interpretando a expansão inicial dos povos germânicos setentrionais como consequência da recente sofisticação de suas tecnologias náuticas e de navegação. Ao contrário do que se imagina e vem sendo frequentemente retratado em filmes e documentários, as invasões à Inglaterra não utilizaram navios longos, mas embarcações bem menores. Apesar dos ataques terem sido bem documentados, tanto em crônicas históricas quanto literárias, as fontes arqueológicas não atestam traços inequívocos de destruições e saques. Ainda nesta seção, o autor comenta algumas das armas encontradas nos sítios: espadas, que eram símbolos de prestígio e ascensão social, além de serem os objetos mais caros e elaborados do equipamento guerreiro; lanças, cujos cabos de madeira não sobreviveram; machados e capacetes (sem chifres, obviamente). Outro tipo de sítio muito importante são as sepulturas, especialmente as que correspondem a corpos de membros da “grande armada”, o conjunto de invasores da primeira fase de ocupação. Os corpos, como do sítio de Repton, não possuíam qualquer tipo de ferimento, talvez devido a algum momento de paz entre os moradores locais e os invasores ou ainda mortos devido a alguma doença ou praga. Mas descobertas recentes

---

<sup>2</sup> Para um panorama sobre a presença dos vikings no mundo britânico, consultar: LANGER, Johnni. Os vikings na Inglaterra medieval. *História, imagem e narrativas* 4(2), 2007. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao4abril2007/vikinglaterra.pdf> Acesso em dezembro de 2010.

reacendem a existência de conflitos violentos no período.<sup>3</sup> Também a descobertas de moedas indicam algum tipo de relação regional e contatos entre personalidades locais.



Cruz da Igreja de St. Andrew, North Yorkshire, Inglaterra, século X d.C. HALL, Richard. *Viking Age Archaeology in Britain and Ireland*. Oxford: Shire Publications, 2010, p. 12. Um dos mais formidáveis exemplos da arte alto medieval mesclando a estética e cultura anglo-saxã com a escandinava. A cruz no alto do monumento, possui o entrelaçado e a roda solar típica da área irlandesa, sobreposto à duas triquetras na braço inferior da cruz, um símbolo tipicamente escandinavo pré-cristão. Na base da cruz, a figura de um guerreiro foi representada, onde este porta um elmo cônico de batalha, uma lança, um machado de barba, uma espada, um escudo redondo de madeira e uma adaga - os equipamentos típicos do mundo nórdico. Este monumento representa muito bem a fusão das sociedades nativas da área britânica com os novos habitantes, sendo a religiosidade cristã local adaptada aos valores marciais escandinavos.

Nos capítulos 4 e 5, Hall discute a formação de assentamentos permanentes e a reorganização de cidades saxônicas sob o comando político dos dinamarqueses. Enquanto que na Escócia não houveram cidades criadas pelos invasores, apenas bases

---

<sup>3</sup> Em março de 2010, arqueólogos encontraram na região de Dorset, um importante ossário do período saxônico-escandinavo, entre 910 a 1030 d.C. Todas as vítimas correspondiam a 51 jovens escandinavos, entre 16 e 20 anos, que foram decapitados possivelmente pelos moradores locais, de origem saxônica, ou então, correspondem a disputas entre piratas rivais.  
<http://www.smithsonianmag.com/history-archaeology/A-Viking-Mystery.html> Acesso em dezembro de 2010.

permanentes, na Irlanda e Inglaterra os nórdicos estabeleceram a fundação de cidades, com funções administrativas, comerciais e defensivas. Houve cunhagem de moedas nestas áreas, indicando tanto razões comerciais quanto propagandísticas para sua fabricação. Mas sem dúvidas, a mais importante cidade dos dinamarqueses foi Jórdvík (York), capital do reino viking que controlava a Inglaterra entre os rios Humber e Tees. Fundada pelos romanos e posteriormente abandonada, foi reocupada no século VI pelos anglo-saxões e reorganizada pelos escandinavos a partir do século IX. As pesquisas arqueológicas indicam que York passou por um rápido processo de urbanização, com uma população estimada em 10.000 habitantes, um número alto para os padrões do final da Alta Idade Média européia. Foi um ativo centro comercial, unindo mercados de troca e venda desde a Irlanda até regiões remotas como a Frísia e Bizâncio. Também foi um importante centro manufatureiro, produzindo produtos metalúrgicos, objetos em vidro, têxteis e madeira. Após a captura final dos anglo-saxões, a população nórdica de York acabou sendo assimilada e mesclada com os habitantes nativos da região, e a fusão anglo-dinamarquesa continuou mesmo após a conquista Normanda em 1066 d.C.

Nos capítulos 6 e 7, Richard Hall discute a arte escandinava, seus estilos e variações estéticas e suas influências na cultura visual do mundo britânico. Com certeza, os mais importantes testemunhos dessa fusão artística são os monumentos esculpidos em pedra. Em alguns, ocorreu uma predominância de motivos e temas do paganismo germânico, como nos *hogbacks* – lajes de pedra colocadas sobre túmulos, ostentando figuras da mitologia e símbolos pagãos dos guerreiros, como figuras de ursos e triquetras – identificadas ao deus Odin.<sup>4</sup> Em outros, como cruzes de igrejas e cemitérios, ostentam tanto símbolos cristãos quanto pagãos: a cruz de Gosforth, por exemplo, que possui cenas da crucificação e do Ragnarok, o crepúsculo dos deuses germânicos, descrito nas *Eddas*; ou as cruzes da ilha de Man, que contém representações do mais importante herói germânico, Sigurd, e o monstro derrotado por ele, o dragão Fafnir.<sup>5</sup>

Entre os capítulos 8, 9 e 10, Hall analisa outros temas, como os estudos epigráficos das runas, o alfabeto germânico – já utilizados pelos povos anglo-saxões e

---

<sup>4</sup> Para uma análise introdutória aos símbolos e temas presentes na arte anglo-escandinava da Inglaterra medieval, consultar: LANGER, Johnni. Símbolos religiosos dos vikings: guia iconográfico. *História, imagem e narrativas* 11, 2010, p. 1-28. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao11outubro2010/simbolos-religiosos-vikings.pdf> Acesso em dezembro de 2010.

<sup>5</sup> Para uma análise dos mitos germânicos presentes na ilha de Man e na Inglaterra medieval, consultar: LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia (terceira parte: as Sagas e o sistema nibelungiano) *Brathair* 7(2), 2007, p. . Disponível em: <http://www.brathair.com/revista/numeros/07.02.2007/8.pdf> Acesso em dezembro de 2010.

reintroduzidos pelos vikings com um novo formato. Muitas das inscrições encontradas em objetos do cotidiano, como broches e pentes, atestam o cruzamento da população nórdica com a das comunidades nativas. Mas nenhum tipo de pesquisa foi mais profícuo à arqueologia viking do que o estudo de sepultamentos. Nestes, pode-se verificar várias questões relacionadas à religiosidade, questões sociais e políticas, econômicas, entre outras. Muitas vezes, o estudo de sepulturas pode dismantelar idéias tradicionais – como a imagem de que os primeiros grupos invasores nórdicos na Inglaterra eram compostos somente por homens. Na realidade, alguns líderes levavam consigo mulheres e crianças.

Como conclusão, podemos afirmar que a obra de Richard Hall é um excelente referencial bibliográfico, muito útil para os estudantes e pesquisadores de Escandinávia da Era Viking, bem como os interessados nas investigações do medieval em geral. E também, para todos aqueles que acreditam que o diálogo entre os estudos de cultura material e a documentação escrita é um dos meios mais importantes para entendermos as sociedades do passado.